



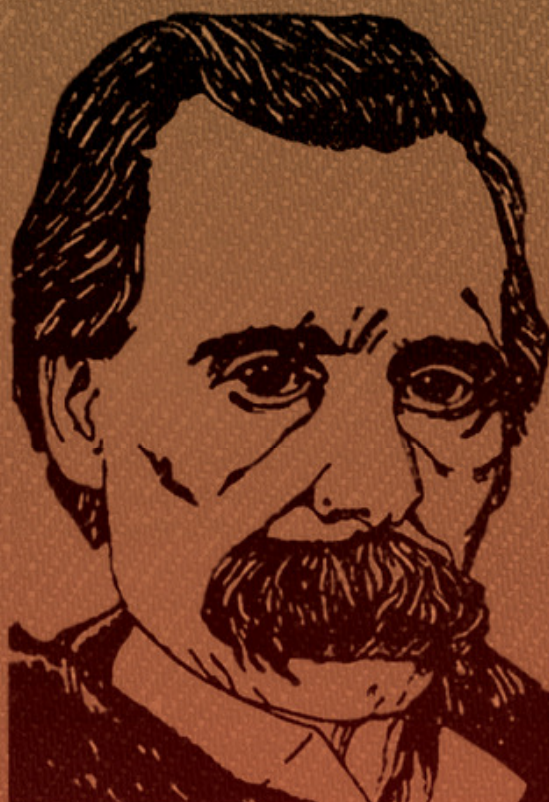
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Camilo Castelo Branco
Como os anjos se vingam



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Como os anjos se vingam
Camilo Castelo Branco

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1870.

Livro Digital nº 567 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Portuguesa.

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825—1890)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

COMO OS ANJOS SE VINGAM

DRAMA NUM ATO



PERSONAGENS:

D. ALBERTINA (entre 20 e 25 anos)

FRANCISCO DE VALADARES (30 anos, esposo de D. Albertina)

D. ANTÔNIA DE VALADARES (irmã de Francisco de Valadares, 25 anos)

CONSELHEIRO SOUSA (Pai de Albertina)

JOÃO LOBO (médica, entre 30 e 40 anos)

LEONARDO (criado velho)

UMA CRIADA (nova)

ATO ÚNICO

Antecâmara espaçosa, bem mobiliada. Portas ao fundo e lado. João Lobo vem saindo do quarto ao fundo. Albertina sai de pós ele.

CENA I

João Lobo e D. Albertina.

ALBERTINA (*com veemência e receio*)

O nosso doente continua bem, não é verdade, Sr. Lobo?

JOÃO LOBO

O seu marido, minha senhora, pareceu-me mais concentrado, mais triste.

ALBERTINA (*aflita*)

Sim?! Piorou?

JOÃO LOBO

Deixei-o ontem risonho, com excelente pulso, a planear viagens, bailes...

ALBERTINA (*sobressaltada*)

E tornou a febre, meu Deus?

JOÃO LOBO

Sim, há o quer que seja... e pode ser que isto não passe de um acidente... mas... Que está vossa excelência a pensar? Suspeita que alguma impressão moral...

ALBERTINA (*preocupada e abstraída*)

Nada... Eu ontem de tarde saí para ver a minha mãe. Demorei-me uma hora; e quando entrei no quarto achei-o a conversar com a minha cunhada. Beije-o; ele sorriu-se de um modo estranho. Quis pedir-lhe explicação de um ar tão desacostumado na nossa vida de cinco anos; mas temi inquietá-lo. Perguntei depois à minha cunhada se... Ela aí vem.

CENA II

Os mesmos e D. Antônia.

JOÃO LOBO (*cumprimentando-a*)

Vossa excelência nos vai dizer se alguma impressão moral pode explicar a tristeza e abatimento em que encontro o seu mano.

D. ANTÔNIA (*desdenhosa*)

Já a mana Albertina me fez a mesma pergunta. Acho curiosa a indagação! Eu não sei se o meu mano recebeu impressões morais...

JOÃO LOBO (*sempre sereno e risonho*)

É que eu deixei-o ontem sossegado e alegre...

D. ALBERTINA

É verdade. Bem viu a mana Antônia como ele estava bom quando eu saí; depois, encontrei-o com a mana, e fui recebida com certas maneiras... havia não sei que desconfiança e misteriosa inteligência entre o meu marido e...

D. ANTÔNIA (*atalhando-a*)

E eu?!

D. ALBERTINA

Sim... pareceu-me...

D. ANTÔNIA

Ora esta! Tem coisas esta senhora! Sempre injusta comigo!

D. ALBERTINA

Injusta, não. Sou incapaz de ajuizar mal de ninguém. Não vá o doutor pensar que eu tenho sido para a mana Antônia o que ela deixa entender... Que mal lhe fiz? Que injustiças minhas a ofenderam? (*Ouve-se o toque de campainha no quarto de Francisco Valadares*) O Francisquinho chama. (*Corre ao quarto*)

CENA III

João Lobo e D. Antônia.

JOÃO LOBO

A mim cumpre-me lembrar-lhe, minha senhora, que o estado do seu irmão é melindroso. Olhe que os dois fios quase quebrados daquela vida estão mal soldados. Sacudam-lhe a alma com alguma leve paixão, que os fios partem-se...

D. ANTÔNIA (*impaciente*)

Mas que fiz eu ou que disse?!

JOÃO LOBO

Não sei o que a vossa excelência disse ou que fez. O que sei é que a Sra. D. Antônia odeia a sua cunhada.

D. ANTÔNIA

Que calúnia! Odeio minha cunhada!

JOÃO LOBO (*sempre sereno*)

E, se puder perdê-la, perde-a.

D. ANTÔNIA

Por quê?... por que hei de eu querer perdê-la?...

JOÃO LOBO

Não lhe respondo. O meu silêncio pede à sua consciência que responda, minha senhora. E se a vossa excelência calar a voz da consciência, verá como aí na sociedade do Porto se levantam cem vozes a dizer-lhe...

D. ANTÔNIA

O quê?...

CENA IV

Os mesmos e D. Albertina.

D. ALBERTINA (*alvorçada*)

Ele está tão inquieto!... Vamos lá, doutor... (*Suspende-se*) Vá... vá!

(*O doutor entra na alcova*)

CENA V

Albertina e D. Antônia.

ALBERTINA (*com brandura e comovida*)

Mana Antônia, se me fez mal, remedeie o mal que fez ao seu mano e a mim.

D. ANTÔNIA

Eu! Que teima! Que aleivosia!

D. ALBERTINA (*rápida e a meia voz*)

Eu acuso-me de ter querido obrigar a mana Antônia a ser honesta, a ser uma digna irmã do meu marido. Acuse-se a senhora de ter tentado vingar-se de mim caluniando-me.

D. ANTÔNIA

Que me acuse! É original a ordem! Aí vem a virtuosa senhora com a desonestidade da minha vida! Dê-me licença. Retiro-me que não vá ser contagiosa a minha desonestidade!

(Sai rindo uma risada nervosa. Albertina encaminha-se para a alcova quando o doutor vem saindo)

CENA VI

João Lobo e D. Albertina.

D. ALBERTINA

Já?! Que tem ele?

JOÃO LOBO

Mandou-me sair: quer estar só.

D. ALBERTINA (*com espanto*)

Mandou-o sair?!

JOÃO LOBO

Terminantemente; mas com delicadeza.

D. ALBERTINA

Então que vem a ser isto, meu Deus? O Sr. Lobo suspeita que o meu marido possa...

JOÃO LOBO

Possa o quê, minha senhora? Enlouquecer? É o que vossa excelência quer perguntar? Não ousou dizer-lhe as minhas suspeitas.

D. ALBERTINA

Então é certo? O Francisco pode enlouquecer?!

JOÃO LOBO

Podemos todos enlouquecer, minha excelente amiga... Descanse. O Sr. Francisco Valadares está febril; não está doido... Aquela febre tem o ardor de uns infernos que costumam acender-se nuns corações perversíssimos...

D. ALBERTINA (*atalhando-o*)

O coração do meu marido é bom, Sr. Lobo.

JOÃO LOBO

Não me entendeu, Sra. D. Albertina... O seu marido desconfia da minha probidade.

D. ALBERTINA

Como? Desconfia?!

JOÃO LOBO

E da virtude da vossa Excelência... desconfia também.

D. ALBERTINA (*trêmula e ansiada*)

Não pode ser, não pode ser!

(*Faz menção de correr para a alcova: o médico sustem-na com um gesto*)

JOÃO LOBO (*a meia voz*)

Repito-lhe que a frágil vida do Sr. Valadares nos aconselha a muitas cautelas. Escute-me serenamente. Eu suspeito que a sua cunhada começou ontem a obra infame do descrédito da vossa excelência. Era preciso dar-lhe um cúmplice: fui eu. A sua cunhada escolheu o homem competente, porque a sociedade me tem caluniado mil vezes para usar largamente do direito que eu lhe dei de me acusar uma vez com justiça. É sempre assim; exceto quando o vicioso ou a viciosa aprenderam as artes da hipocrisia depois que a primeira fragilidade lhes fez resvalar o pé e cair com estrondo. O grande caso é cair sem estrondo. Ora seu marido, minha nobre senhora, não me julga melhor nem pior do que sou julgado pelo restante da sociedade. Chamou-me, quando receou morrer; e hoje talvez preferisse a morte à fraqueza de me chamar... Eu, porém...

D. ALBERTINA (*interrompendo-o*)

Mas então é preciso que eu me defenda já, e na sua presença, Sr. Lobo!...

JOÃO LOBO

Não, minha senhora. As comoções e lutas que necessariamente acompanhariam tal defesa, abririam a sepultura ao lado do leito do Sr. Valadares. É cedo. O seu marido por enquanto apenas vê na vossa excelência o anjo, e em mim o tentador. (*Sorrindo*) de um pobre diabo (*desculpe vossa excelência a frase plebeia*); de um pobre diabo tem querido a sociedade fazer um sujeito possuído das influências satânicas dos Tenórios e dos Faustos. Não se impaciente, minha senhora. Olhe que

não está sozinha. Quando mais oprimida sentir a sua inocente e nobilíssima alma, imagine que vê sempre ao seu lado... a Providência.

D. ALBERTINA

Mas o meu silêncio pode condenar-me.

JOÃO LOBO

Quando a interrogarem responda; mas não provoque altercações. Espere que o seu marido se fortaleça; não queira vossa excelência curar uma alma enferma como a dele. Qualquer bálsamo o irritará. E quando eu lhe disser que se vingue restaurando a sua dignidade, então será tempo de salvar o seu nome... e o meu. Não posso nem devo demorar-me. Adeus, minha senhora.

D. ALBERTINA (*apertando-lhe a mão muito afetosamente*)

Adeus, meu bom amigo... Não o desampare...

(*D. Albertina vai à porta da alcova, escuta, e hesita; vai levantar o fecho quando a porta se abre*)

CENA VII

D. Albertina e Francisco Valadares.

(*Francisco Valadares extremamente magro e pálido, caminhando a custo. Veste um rob de chambre*)

D. ALBERTINA (*tomando-lhe o braço*)

Pois tu levantas-te, meu filho?

FRANCISCO DE VALADARES

Estou bom... não vês, Albertina? Sinto-me forte. (*Senta-se prostrado*)

D. ALBERTINA

Ardem-te as mãos... Que imprudência! O médico consentiu que te levantasses?

FRANCISCO DE VALADARES (*após uma longa pausa, em que conserva o rosto escondido nas mãos*)

Quero sair. O dia está sereno.

D. ALBERTINA

Pois tu queres sair em convalescença tão arriscada?! Não vês que podes recair!

FRANCISCO DE VALADARES

A recaída é a cura. Onde uma sepultura se fecha, fechou-se a boca de um abismo. A morte quando se aproxima é bela; só vista ao longe, é horrível. (*Ergue-se*) Estou vigoroso. Vou a Sintra. Que tirem a caleche.

D. ALBERTINA

Pela tua vida te rogo que não vás, meu querido filho.

FRANCISCO DE VALADARES

A minha vida!... por que me não pedes antes pela minha honra?

D. ALBERTINA

Pois sim, peço-to pela tua honra...

FRANCISCO DE VALADARES

E pela tua...

D. ALBERTINA (*com dignidade*)

O quê? Que me pedes tu?

FRANCISCO DE VALADARES.

A ti?... que me deixes morrer...

D. ALBERTINA (*muito comovida*)

E tu queres morrer?

FRANCISCO DE VALADARES

Honrado.

CENA VIII

Os mesmos, Leonardo e depois o Conselheiro Sousa.

LEONARDO

Está aqui o Sr. Conselheiro Sousa.

(Sai. D. Albertina vai ao encontro do pai e beija-lhe a mão)

CONSELHEIRO

Olá! A pé! Ótima convalescença, Sr. Valadares! Ainda ontem lhe davam vinte dias de cama!...

FRANCISCO DE VALADARES

Estou melhor.

CONSELHEIRO

E tu como estás, filha?

D. ALBERTINA

Bem; e a mamã pior?

CONSELHEIRO

Pior, e pediu-me que te viesse buscar, se o teu marido pudesse dispensar-te. Imagina que morre, e quer todos os filhos à volta da cama. Já lá estão as tuas irmãs.

FRANCISCO DE VALADARES

Pode ir; eu mesmo insto que vá.

CONSELHEIRO

Tenho aí a sege; não te demores na *toilette*.

(*Sai Albertina*)

CENA IX

O Conselheiro e Francisco Valadares.

CONSELHEIRO

Não seria perigosa imprudência sair da cama, Sr. Valadares? Acho-lhe um certo rubor nas faces...

FRANCISCO DE VALADARES

É sinal de bom sangue, quando não seja de nobre vergonha.

CONSELHEIRO

Como?

FRANCISCO DE VALADARES (*inquieta*)

Quero sair de Portugal por algum tempo... Vou para Florença... É um clima restaurador; quem lá não pode viver sente-se morrer mais suavemente. Os grandes infelizes devem pensar em morrer onde as agonias lhes sejam menos cruéis. Vou só... quero ir só. Estou intratável, impertinente, frenético. Tudo me enjoja, e eu devo enjojar a todos.

CONSELHEIRO

Menos a sua esposa que o ama extremosamente e o não deixará ir só.

FRANCISCO DE VALADARES

Deixa... há de deixar. Não admito contradições que poderiam matar-me...

CONSELHEIRO (*com assombro*)
Matarem-no!... quem?

FRANCISCO DE VALADARES

E para quê?! Eu não embaraço a passagem a ninguém! (*Com exaltação de louco*) Passem! Praça ao vício! Rompa triunfante. Eu sou pequeno para me atravessar à boca da voragem. Entrem, abismem-se, esmaguem-me o coração, mas deixem-me a honra salva.

CONSELHEIRO (*à parte*)
Está perdido!

CENA X

Os mesmos e D. Albertina.

D. ALBERTINA

Estou pronta, meu pai. (*Aproxima-se do marido, beija-lhe a cara com serena altivez*) Até logo, Francisco.

CONSELHEIRO

O doutor Lobo aconselha viagens ao teu marido?

D. ALBERTINA

Eu ainda não ouvi falar em viagens.

CONSELHEIRO (*encarando-os alternadamente*)

A infelicidade entrou nesta casa há poucas horas...

D. ALBERTINA

Entrou, mas há de sair. *(Com resolução. Aproxima-se do marido tocando-lhe no ombro)* Olha que eu tenho Deus por mim. Hei de vencer. Vamos, meu pai.

(Saem)

CENA XI

Francisco de Valadares e depois Leonardo.

FRANCISCO DE VALADARES

Pois esta mulher sabe que me é suspeita a sua lealdade, e não se justifica? Não seria natural que me interrogasse com lágrimas e fizesse aí grande estrondo com a sua dignidade ferida? *(Tange uma campainha com frenesi. Aparece Leonardo)* A Sra. D. Antônia?

LEONARDO *(com ar de maliciosa candura)*

A Sra. D. Antônia está a conversar no jardim. Vossa excelência quer que a chame?

FRANCISCO DE VALADARES.

A conversar... com quem?!

LEONARDO

Com o visconde de Espinhal.

FRANCISCO DE VALADARES

E esse homem está no meu jardim?!

LEONARDO

Não, senhor; está no jardim do vizinho.

FRANCISCO DE VALADARES

Chama essa senhora. *(Leonardo sai)*

CENA XII

FRANCISCO DE VALADARES

Nesta casa consideram-me morto... há em tudo isto que me cerca e atormenta o travor da peçonha que está dilacerando uma família. Assim que a doença me prostrou, a desonra chegou ao meu leito de moribundo para me abafar. (*Inclina a cabeça para o peito; demora-se um instante, senta-se de golpe, mas a custo, e amparando-se*) Eu não quero morrer! Fui um homem inútil; mas antes da minha morte, hei de deixar uma lição aos infames, e um exemplo aos que não aceitam de boamente o seu opróbrio. (*Refletindo*) É impossível. O meu coração não podia enganar-se assim. A dúvida nunca passou pelo meu espírito, nem sequer o receio... Estará ela inocente?...

CENA XIII

O mesmo e D. Antônia.

D. ANTÔNIA

O mano chamou?

FRANCISCO DE VALADARES

Chamei.

D. ANTÔNIA

Eu tinha ido ao jardim ver as suas araucárias. Estão lindíssimas.

FRANCISCO DE VALADARES

Eu recomendei-lhe há meses, Antônia, que se não descuidasse um momento dos seus deveres numas relações amorosas em que a vi muito arriscada. O visconde do Espinhal é um homem que tem perdido no conceito da sociedade algumas senhoras na posição da

mana Antônia. O mundo, que despreza as mulheres que ele difamou, nobilitou-o ao mesmo tempo com o diploma de conquistador, e o visconde considera-se obrigado a sustentar a sua reputação. Á justiça ou à dignidade dos irmãos e dos maridos responde com o duelo; e à moral pacífica das famílias com a zombaria. Ora eu, prevendo que o seu descrédito, Antônia, me levaria ao extremo de lhe pedir a ele contas do seu honrado nome, pedi à mana que terminasse essa perigosa inclinação. Antônia prometeu terminar. Cumpriu?

D. ANTÔNIA (*hesitante*)

Cumpri, mano Francisco.

FRANCISCO DE VALADARES

É sempre assim verdadeira? Quando acusa os outros é tão sincera como quando se absolve a si?

D. ANTÔNIA

Não percebo...

FRANCISCO DE VALADARES

Mentiu; mas está perdoada com a condição de desmentir-se das suspeitas que me deixou da fidelidade de Albertina. Repita-me o que sabe da sua cunhada. Chamo a sua consciência à presença de Deus. Diga, mana Antônia, que viu? Em que funda as suas desconfianças?

D. ANTÔNIA

As minhas desconfianças?...

FRANCISCO DE VALADARES

Sim; não me obrigue a repetir o que está bem impresso na sua lembrança.

D. ANTÔNIA

Eu já disse que desconfiava... porque... há certas coisas... que inspiram suspeitas até certo ponto... sim, eu desconfiei porque...

FRANCISCO DE VALADARES

Essa hesitação parece um anúncio de arrependimento por haver caluniado a pobre Albertina...

D. ANTÔNIA

Caluniado! Tem coisas o mano Francisco! Sou incapaz de caluniar.

FRANCISCO DE VALADARES

Bem. Diga então lá desembaraçadamente.

(Vê-se ao fundo Leonardo que escuta por entre o reposteiro)

D. ANTÔNIA

Disse e digo que Albertina faz ostentação de virtudes que não tem.

FRANCISCO DE VALADARES

Disse mais pelo claro que lhe parecia que ela trazia o coração distraído...

D. ANTÔNIA

Foi isso.

FRANCISCO DE VALADARES

E que Albertina amava o doutor Lobo.

D. ANTÔNIA

Justamente.

FRANCISCO DE VALADARES

Agora venham as provas que ontem lhe não pude pedir porque Albertina entrou.

D. ANTÔNIA

As provas!

FRANCISCO DE VALADARES

Tem as provas?

D. ANTÔNIA

Para que quer o mano saber... São coisas que o afligem, e lhe agravam os padecimentos.

FRANCISCO DE VALADARES

Não me dê razões parvas. (*Ergue-se convulso*) Responda! Mando que responda! As provas?

D. ANTÔNIA

Não se exaspere. Eu vou satisfazê-lo... Quando o médico saiu uma vez do seu quarto, Albertina esperou-o nesta saleta, e demorou-se algum tempo a conversar com ele, tendo-lhe as mãos apertadas nas dela. Outra vez, a criada de sala contou-me que ela estava a chorar de joelhos, e o médico a levantara com muito carinho e palavras meigas. de outra vez fui eu que a vi abraçada nele com ar de grande alegria... Outra pessoa me disse também que a vira sair de casa do médico e entrar numa sege...

FRANCISCO DE VALADARES

Que pessoa?

D. ANTÔNIA

Certa pessoa...

FRANCISCO DE VALADARES (*irritado*)

O nome?

D. ANTÔNIA

O visconde do Espinhal.

FRANCISCO DE VALADARES

Já o nome da minha mulher caiu nessa sentina? (*Muito agitado*) Então está perdido tudo! Embora esteja inocente, Albertina perdeu-se! A desonra da mulher de Francisco de Valadares é propalada pelo visconde do Espinhal. (*Fita a irmã rancorosamente, travando-lhe do braço*) Se ela estiver pura, é preciso que a senhora vá ser infame longe desta casa onde morreu sua mãe...

(*Francisco de Valadares sai impetuosamente a entrar no quarto, mas encosta-se de fraco ao espaldar de uma poltrona. Leonardo sai apressado a dar-lhe o braço*)

CENA XIV

Os mesmos e Leonardo.

FRANCISCO DE VALADARES

Onde estavas, Leonardo?

LEONARDO

Passava no corredor quando vossa excelência ia cair.

FRANCISCO DE VALADARES

Eu não caio. Deixa-me só. (*Entra no quarto*)

CENA XV

D. Antônia e Leonardo.

LEONARDO (*com respeito*)

Minha senhora, vou-lhe pedir um favor por alma da sua mãe. A menina é cristã, e não há de faltar-me.

D. ANTÔNIA (*com sobranceria*)
Que quer?

LEONARDO

Que se arrependa enquanto é tempo, e vá dizer ao seu mano que a senhora faltou à verdade na intriga que armou à sua pobre cunhada. Faça-me isto, porque a senhora é católica.

D. ANTÔNIA
Quem lhe permitiu o atrevimento de me falar assim?

LEONARDO

Isto não é atrevimento, senhora; é confiança e amizade de criado antigo.

D. ANTÔNIA
Os criados antigos são sempre criados, entendeu? (*Menção de sair*)

LEONARDO

A menina faz favor de me ouvir aqui baixinho? (*À boca da cena*)

D. ANTÔNIA
Diga.

LEONARDO

Lembre-se que a sua cunhada desfaz esta meada quando quiser; e se ela a não desfizer, desfaço-a eu, dou-lhe a minha palavra de homem católico, que me preso de ser.

D. ANTÔNIA (*alto*)
Que meada? que meada?

LEONARDO

A menina quer que eu lhe responda também a gritar? Veja lá. O seu mano está ali pertinho, e a demanda pode ficar acabada aqui nesta santa hora. Torno a pedir-lhe por alma da sua mãezinha que vá dizer ao seu irmão que não disse a verdade. A senhora disse a verdade até certas alturas; mas torceu-lhe as voltas para arranjar a mentira; sim, vossa excelência bem me percebe, e a consciência lá lhe está gritando; porque a menina é, foi, e há de ser sempre católica.

D. ANTÔNIA (*afogando os ímpetos da ira*)
Que petulante! Que vilão!

CENA XVI

Os mesmos e uma criada.

(Leonardo fica ao fundo, escutando ao quarto de Francisco Valadares, enquanto a criada se aparta com D. Antônia)

CRIADA (*a meia voz, e rapidamente*)
O Sr. visconde mandou saber se havia alguma novidade.

D. ANTÔNIA
Ele ainda está no jardim?

CRIADA
Está, sim, minha senhora.

D. ANTÔNIA
Vê se o passas para a sala do meio... Preciso muito falar-lhe. Quero sair desta casa quanto antes.

CRIADA

O pior é se Leonardo dá fé... Veja se o entretém cá para dentro... (*Sai*)

CENA XVII

D. Antônia E Leonardo.

D. ANTÔNIA

Venha cá, Leonardo.

LEONARDO

Minha senhora.

D. ANTÔNIA

Explique-me essas embrulhadas que esteve atrapalhando. Não o entendi.

LEONARDO

Não?! pois então logo lhe explicarei. São horas de dar o *lunch* ao Sr. Francisquinho. (*Vai a sair*)

D. ANTÔNIA

Espere.

LEONARDO

Tenha paciência que está o doente esperando. (*Sai*)

D. ANTÔNIA

O maldito desconfiou!...

CENA XVIII

D. Antônia e o Conselheiro Sousa.

CONSELHEIRO (*a D. Antônia com severidade*)

O seu mano, senhora?

D. ANTÔNIA

Está no seu quarto.

CONSELHEIRO

Avise-o de que o estou esperando.

D. ANTÔNIA

Ele aí vem. (*Sai*)

CENA XIX

Conselheiro e Francisco de Valadares.

CONSELHEIRO

Senhor Valadares, minha filha descreveu-me com mais lágrimas que palavras a infelicidade com que a Providência a está castigando porque me desobedeceu. O Sr. Valadares sofre também porque induziu minha filha a rebelar-se contra a vontade do seu pai. Adivinhei que Albertina seria desgraçada; mas nunca me feriu o coração o receio de que o senhor difamasse minha filha com afrontosas suspeitas. Albertina tem um defensor; sou eu, é seu pai. Acuse-a na minha presença.

FRANCISCO DE VALADARES (*com enfado*)

Estou doente, estou febril, senhor; não venha atormentar-me... Esses ares majestosos de pai irritado não me salvam da ignomínia, nem desculpam os desvarios da Sra. D. Albertina. A acusação, se houver de fazer-se, não tem de ser julgada por juiz tão incompetente, como vossa excelência. Ora, se eu não me queixo para que há de queixar-se o Sr. Conselheiro? Eu, por enquanto, resumo os meus queixumes em dizer-lhe que estou aviltado, que sou escarnecido, que pertenço aos incentivos da zombaria, e contribuo para sustentar à custa da minha

dignidade a irrisão nos salões e nas praças onde se aplaude o impudor do visconde do Espinhal, e de...

CONSELHEIRO

Basta. Ouvi aí um nome que é personagem neste romance torpe que a vossa excelência está urdindo. O visconde do Espinhal!... As salas onde este ilustre devasso é recebido são as salas de muito homem de bem, incluindo as suas, Sr. Valadares.

FRANCISCO DE VALADARES

As minhas!... as minhas!...

CONSELHEIRO

As suas.

FRANCISCO DE VALADARES

Já encontrou na minha casa o visconde?

CONSELHEIRO

Não, senhor, porque eu nunca entrei nas suas alcovas.

FRANCISCO DE VALADARES

Isso é uma insinuação hedionda, Sr. Conselheiro!

CONSELHEIRO

Insinuação hedionda e vilíssimo afrontamento é o que o senhor está cuspiendo na cara da minha filha. Sou pai, senhor; e sou pai de uma mulher virtuosa que outra mulher perdida caluniou. A hora da justiça não tardará. O cúmplice da minha filha será interrogado na presença do caluniador.

FRANCISCO DE VALADARES

Na minha presença! É original o escândalo! Então vossa excelência quer fazer justiça, ridiculizando-me? Não o conseguirá, que eu estou na minha casa; bom será lembrar-lho.

CONSELHEIRO

Não me esqueci; mas, se a intenção da indelicadeza é mandar-me sair, declaro-lhe que não sairei, sem levar daqui a minha filha a retratação da vossa excelência Provavelmente ela não voltará a esta casa...

CENA XX

Os mesmos e D. Albertina.

D. ALBERTINA

Volto, aqui estou, porque não hei de voltar?! (*Serenamente*) O pai não me deu tempo a estar com a mamã alguns instantes. Receie que tivesse vindo para aqui, e magoadamente lhe digo que me arrependi de ser tão expansiva!... Como estás abatido, meu pobre Francisco! Matam-te, meu filho! Parece incrível que a Providência divina não diga à tua alma que eu estou inocente!

FRANCISCO DE VALADARES (*concentrado*)

Seria preciso que a Providência tivesse cegado as que a viram sair de casa de...

(Retraindo-se com doloroso esforço)

CENA XXI

Os mesmos, Leonardo, e depois João Lobo.

LEONARDO

O Sr. doutor Lobo. (*Sai*)

FRANCISCO DE VALADARES (*ao Conselheiro*)

Esta indecente situação preparou-ma vossa excelência!

D. ALBERTINA (*aflita*)

Que vem a ser isto, meu pai? Não vê o estado do meu marido?!

CONSELHEIRO

Importa-me a tua dignidade muito mais.

CENA XXII

Os mesmos e João Lobo.

JOÃO LOBO

Felizmente que eu chegava a casa quando recebi o recado.

CONSELHEIRO

Fui eu, Sr. doutor, que pedi a sua vinda.

JOÃO LOBO (*tomando o pulso de Francisco Valadares*)

Isto assim não vai bem, Sr. Valadares. Se a vossa excelência não quer, ou não pode subordinar à razão e à necessidade o alvoroço em que está o seu espírito, mais doente do que o corpo, não tenho que fazer aqui. Tenha a briosa coragem de ser homem, para viver.

(Francisco de Valadares faz um gesto de constrangimento, sorrindo-se com amargura)

CONSELHEIRO

É o que ele faz, Sr. Lobo. Vai afastar de si as pessoas que o atormentam, ou mais exatamente são essas pessoas que muito pela sua vontade se afastam. Eu sou uma, e a minha filha é a outra pessoa importuna que está empeçonhando o mau ar que este doente respira.

JOÃO LOBO

Sua filha?! Pois a Sra. D. Albertina atormenta seu marido?! Vossa excelência sem dúvida proferiu um gracejo ou uma ironia, mas há nisso alguma coisa que me punge como principal testemunha do incomparável amor que esta senhora tem ao seu marido, ou tinha há poucos dias. E como principal testemunha, embora não seja chamada, vou depor neste pleito, e hei de ser escutado pela delicadeza de vossas excelências. (*Circunvagando a vista pela sala*) Falta alguém no meu auditório. O tribunal não pode funcionar sem a presença da Sra. D. Antônia. Requeiro que seja chamada sua excelência.

(*O Conselheiro tange a campainha*)

FRANCISCO DE VALADARES (*erguendo-se com ímpeto*)

Eu é que me nego a pertencer ao seu auditório, Sr. João Lobo. Querem sujeitar-me a uma tutela vergonhosa! (*Quer sair*)

CONSELHEIRO (*retendo-o*)

Não saia. Proíbe-lho a honra da sua mulher. (*A Leonardo que entra*) Diz à Sra. D. Antônia que se lhe pede o favor de entrar nesta sala.

(*Leonardo sai*)

D. ALBERTINA (*a meia voz*)

Tu precisas de ouvir a minha justificação, Francisco?

FRANCISCO DE VALADARES (*fixando-a lagrimoso*)

Quem pudesse tirar-me de sobre a alma este peso de infelicidade!...

CENA XXIII

Os mesmos, D. Antônia e Leonardo (que fica ao fundo).

Silêncio de alguns segundos. D. Antônia entra sobressaltada.

JOÃO LOBO

Ouvi agora dizer, Sra. D. Antônia, que a sua cunhada vai separar-se do seu marido. Esta má nova comoveu-me tão profundamente quanto eu estava convencido de que esposos, como estes eram, amantíssimos e felizes, raros se encontrariam, e principalmente nas classes elevadas onde as aparências de felicidade conjugal são quase sempre convencionais, uma espécie de hipocrisia que é assim mesmo um tal qual respeito que se presta à virtude. Se a vossa excelência não sabia isto que me espantou, deve estar admirada pelo menos...

D. ANTÔNIA

Decerto.

JOÃO LOBO

E a não ser vossa excelência, ninguém como eu pode testemunhar quanto a Sra. D. Albertina amava seu marido, posto que, só há três meses fui chamado para tratar o Sr. Valadares; vossa excelência porém, que há cinco anos conhece sua cunhada em familiar intimidade, decerto pode levantar voz mais autorizada em abono desta virtuosa senhora. (*Fixam todos D. Albertina que se mostra mortificada pelo interrogatório*) Mas, se a vossa excelência quer ter a bondade de me conceder a mim a satisfação de ser o primeiro a depor, serei eu testemunha, e será vossa excelência o juiz. Quando fui chamado à junta que se fez ao Sr. Francisco de Valadares encontrei o seu assistente e mais facultativos conformes em capitular de incurável a sua doença. Recordo-me que ao sair com os meus colegas da sala da consulta, encontramos esta senhora na sala imediata com as mãos postas diante de nós, perguntando se não tínhamos esperança de lhe salvar o esposo. Ninguém respondia por compaixão; mas eu quase convencido disse afoitamente à Sra. D. Albertina: “seu marido pode restaurar-se, minha senhora.” Proferidas estas palavras, suas excelências quis beijar-me as mãos; não o consegui, mas orvalhou-mas de lágrimas. Comecei o tratamento do Sr. Valadares, por voto do seu assistente. A doença

progrediu, desmentindo os meus vaticínios. Já as esperanças me iam também abandonando, e eu a compenetrar-me das enormes angústias que atormentam a vida do médico, enquanto ele não sente esfriar-lhe o coração como o dos cadáveres em que vê desaparecer o orgulho da ciência. Eu considerava o doente perdido, quando lhe sobreveio uma pneumonia em extremos de fraqueza. Um dia, saí daquela alcova, e encontrei ali de joelhos esta senhora suplicando-me a vida do seu marido, tão abafada por soluços e perda de cores, que, ao levá-la quase desmaiada, a amparei nos meus braços e lhe pedi que sufocasse o choro para que o doente a não ouvisse. Desta vez (*sorrindo*) recordo-me, sem esconder o riso, que sua excelência, com a mais perdoável das prodigalidades, me disse extremamente ansiada: “Eu dou tudo quanto temos a quem salvar meu marido”. Vejam como o amor e a paixão fizeram no elevado espírito desta senhora um intervalo de insensatez! — angélica e santa insensatez! Suas excelências queriam dizer talvez que dava a própria vida pela do esposo; mas o coração antes queria a indigência para ambos que vida para um só. Acho mais sublime o sacrifício dos bens da fortuna. Eu é que não podia aceitar a proposta sem que o Sr. Francisco de Valadares fosse ouvido, porque as senhoras, segundo o código civil, não podem dispor dos bens do casal... (*Sorri-se, e vai tomar o pulso ao enfermo*) Está muito agitado. Se o estou constrangendo, fecho o depoimento... Dá-me licença que prossiga?... Mas ainda agora reparo que a vossa excelência me tem ouvido de pé!... Eu pedia que... (*O Conselheiro senta-se. D. Antônia também com ar de violentada; D. Albertina permanece em pé, ao lado da poltrona do marido, João Lobo também de pé*) Noutra dia, tendo-me eu demorado de propósito para dar tempo aos efeitos dumas sarjas, foi-me anunciada a visita de uma senhora que apeava de uma sege. Eram 7 horas da manhã. Como eu estivesse ainda recolhido, e a minha mãe me dissesse que era a Sra. D. Albertina que me procurava aflitivamente, pedi a minha mãe que fosse à sala receber sua excelência. Quando entrei estava a lagrimosa senhora rogando a minha mãe que me pedisse a mim a salvação do seu marido. O quadro tinha uns traços de majestosa tristeza! Minha mãe respondia-lhe a chorar que pediria a Deus, e não ao médico. Noutra

ocasião, por volta de uma hora da noite, era eu chamado ao pátio do Club, onde encontrei a esposa do Sr. Valadares. Desta vez não podia eu já dar-lhe esperanças que não tinha. Mas vinte e quatro horas depois a febre remitiu, a ansiedade acalmou, o doente sorriu-me, e a esperança renasceu. Mais três dias depois, disse eu à Sra. D. Albertina: “seu marido está livre de perigo”. Sua excelência então mais alucinada pelo júbilo do que estivera pela angústia, abraçou-me, e chamou-me seu querido salvador. Não me chamou salvador do seu marido; que isto seria uma vulgaridade; chamou-me seu salvador, como quem diz: “a vida que salvaste é a minha; eu sentia-me morrer da morte do meu marido”. Até aqui o sublime. Agora a loucura da felicidade. Sua excelência foi buscar o seu estojo de joias, pôs-mo entre as mãos, e disse: “quando tiver esposa dê-lhe esta lembrança da mais feliz das esposas”. Foi-me necessário (*sorrindo*) convencer aquela senhora de que eu fiz voto de celibato, e não podia sem infração do voto agenciar esposa a quem dar as joias. Sua excelência transigiu, e dispensou-me de quebrantar o propósito. Falta quase nada à conclusão do meu depoimento. Depois destas comoventes manifestações de um amor de esposa virtuosíssima, seu mano, Sra. D. Antônia, influenciado não sei porque maus espíritos, atira à face sem mancha daquela senhora um lábio de muito injuriosa suspeita. Ora diga-me vossa excelência se isto não é injustiça para fazer chorar os anjos!

(*D. Antônia parece quebrantada*)

CONSELHEIRO (*erguendo-se*)
O meu depoimento é mais breve.

D. ALBERTINA (*correndo para o Pai*)
Pela vida da minha mãe... por tudo que há mais nobre e santo na sua alma!...

CONSELHEIRO
O que há mais santo na minha alma é a tua honra.

D. ALBERTINA

Mas meu marido está seguro da minha inocência, e não precisa que eu me justifique.

CONSELHEIRO

Eu é que devo e quero justificar a tua saída desta casa.

FRANCISCO DE VALADARES

E quem diz a vossa excelência que a minha mulher sai desta casa?

CONSELHEIRO

Nenhum direito obriga minha filha a conciliar-se tão de barato com quem a infamou. O marido que desacredita a sua mulher inocente é apenas... um baixo caluniador sem direito a impor-lhe a obrigação de o amar, e muito menos de o sofrer. Não pode a minha filha morar sob o mesmo teto da Sra. D. Antônia.

D. ALBERTINA (*a D. Antônia a meia voz*)

Mana Antônia, é melhor sair desta sala. Eu vou remediar como puder este infortúnio.

D. ANTÔNIA (*erguendo-se animosa*)

Como a senhora quiser. (*Vai sair*)

FRANCISCO DE VALADARES (*à irmã*)

Espera!

CONSELHEIRO

O que deu causa à torpe aleivosia desta senhora foi minha filha ter repreendido brandamente sua cunhada porque as suas tendências a perder-se doidamente eram de tal força que nem já o escândalo de descer ao jardim alta noite escondia dos seus criados.

D. ANTÔNIA

Os criados mentem! Que o digam na minha presença.

(O criado que está ao fundo avança dois passos tranquilamente)

D. ALBERTINA *(suplicante)*

Está bom, meu pai... pelo divino amor de Deus!

CONSELHEIRO

Espero ser desmentido pelos seus criados, Sra. D. Antônia!

(Leonardo dá mais dois passos)

D. ALBERTINA *(perpassando pelo criado a meia voz)*

Nem uma palavra.

D. ANTÔNIA *(a Leonardo)*

Viu-me alguma vez no jardim depois que as portas se fecham?

(Relance de olhos entre D. Albertina, e Leonardo)

CONSELHEIRO

O caluniador por tanto sou eu, minha filha. É deplorável o papel que me distribuis. Menos caridade com os infames, e mais respeito aos meus cabelos brancos e à tua própria dignidade, Albertina!

D. ALBERTINA

Mas que trance este, meu pai! Terminemos isto, peço a todos por piedade que terminemos isto!

FRANCISCO DE VALADARES

Como é que se defende, Antônia? Caluniou Albertina porque ela reprovava os seus depravados instintos de mulher que perdeu os brios de senhora?

D. ANTÔNIA

Não quis caluniá-la, nem os conselhos da mana Albertina me eram precisos para eu conservar brios de senhora. As mulheres solteiras que amam não perderam os brios nem são desonestas.

FRANCISCO DE VALADARES (*irritado*)

Caluniou ou não?

D. ANTÔNIA

Não a quis caluniar. Caluniada sou eu, quando me dizem que perdi os brios, e que vou de noite ao jardim, e que...

CONSELHEIRO

E que não vai ao jardim desde que o visconde do Espinhal sobe facilmente do jardim às janelas desta casa.

D. ANTÔNIA

Quem disse tal?

LEONARDO

Fui eu; e, se o não disse, o Sr. Conselheiro adivinhou que eu o queria dizer.

D. ANTÔNIA

Você mente!

(Leonardo caminha para uma porta do lado)

D. ALBERTINA (*atalhando-o*)

Onde vai?

LEONARDO (*a meia voz*)

O visconde está nesta primeira sala.

D. ALBERTINA (*a meia voz*)

Por piedade não faça isso, Leonardo! (*Alto*) Eu compreendo bem a insistência da mana Antônia. Ela sabe que eu me ajoelhei aos pés do Sr. João Lobo; sabe que o abracei; sabe que eu fui a casa dele: tudo isto é verdade. O que ela não sabia é que eu pedia ao doutor a vida do seu irmão quando ajoelhava, e lha agradecia cheia de lágrimas quando o abraçava. No mundo julgam-se assim muitos atos e o mundo não é nem responsável nem condenado. Deus que assim nos fez é porque quer que assim nos soframos uns aos outros. A mana Antônia não refletiu na intenção dos meus atos. Viu-os pelo lado mau, e julgou-me como era justo ao seu modo de ver. Eu somente me queixo da imprudência dos seus juízos.

FRANCISCO DE VALADARES

Basta. Esta senhora não é imprudente, é infame. Leonardo, dá-me a chave do meu escritório que está no meu quarto. (*Leonardo sai*) O seu dote, senhora, é tão opulento que o visconde do Espinhal em troca dele vai dar-lhe um ótimo esposo e uma coroa de viscondessa. Vou entregar-lhe duas inscrições nominais de 2:000\$000. Valem no mercado uma quantia que sobredoura as suas virtudes. A senhora, recebido o seu dote, retire-se, e vá fazer ao dote o que fez à herança de virtudes da nossa mãe.

Leonardo entrega-lhe a chave. Ele levanta-se convulso)

D. ALBERTINA

Onde vais, meu filho? Não vás... Logo... amanhã se fará isso, Francisco. Descansa, senta-te.

FRANCISCO DE VALADARES

Não me aflijas, deixa-me.

D. ALBERTINA

Pois senta-te, e dá-me a chave que eu vou. Eu sei onde estão as inscrições...

FRANCISCO DE VALADARES

Vai. (*Dá-lhe a chave*)

D. ALBERTINA (*perpassando pela cunhada*)

Não se aflija, que eu espero salvá-la. (*Sai*)

CENA XXIV

Os mesmos exceto D. Albertina.

FRANCISCO DE VALADARES

Senhor João Lobo, devo-lhe duas vidas; e mais lhe devo pela da alma, por este desafogo do coração... Perdoou-me já, não é verdade, doutor?

JOÃO LOBO

Se o Sr. Valadares me pede a mim perdão, em que termos há de pedir a misericórdia da sua senhora?

FRANCISCO DE VALADARES (*apontando para a irmã*)

E aquela!... onde irá dar?... que vergonhas se preparam para o apelido da minha santa mãe!...

JOÃO LOBO

Eu creio que ela tem um grande e sagrado refúgio.

FRANCISCO DE VALADARES

Qual?

JOÃO LOBO

O coração da Sra. D. Albertina.

CENA ÚLTIMA

Os mesmos, e D. Albertina.

D. ALBERTINA

Aqui estão as inscrições.

FRANCISCO DE VALADARES *(a Leonardo)*

Entregue isto à Sra. D. Antônia.

(Leonardo demora-se a olhar para o rolo com hesitação)

D. ALBERTINA *(muito carinhosa)*

Então ficas sozinho, Francisco? Saímos ambas?

FRANCISCO DE VALADARES

Se saem ambas?! Saíres tu, minha querida Albertina! Deixa-me então ajoelhar aos teus pés, e rogar o teu perdão com as mais contritas lágrimas que a minha alma te pode dar! *(Ajoelha)*

D. ALBERTINA *(erguendo-o)*

O meu filho, estás perdoado com uma condição. Se esta for penosa, tem paciência; peço-te que a aceites, em desconto das angústias que me despedaçaram desde o instante em que estive perdida para o teu coração. Aceitas a condição, meu querido amigo?

FRANCISCO DE VALADARES

Qual condição?!

D. ALBERTINA *(tomando a mão da cunhada)*

Hás de perdoar-lhe... *(Sorrindo)* ou eu não perdo.

FRANCISCO DE VALADARES

Então é certo que és uma santa, minha filha?

D. ALBERTINA

Não sou santa; sou apenas uma mulher que se esforça porque tu sejas sempre um anjo de bondade.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com